

*Confusões e estereótipos:
o ocultamento de
diferenças na ênfase de
semelhanças entre
transgêneros*



CONFUSÕES E ESTEREÓTIPOS: O OCULTAMENTO DE DIFERENÇAS NA ÊNFASE DE SEMELHANÇAS ENTRE TRANSGÊNEROS

RESUMO

Este trabalho discute as diferenças entre algumas possibilidades de manifestações do fenômeno transgênero, tratando especificamente de travestis, transexuais e drag queens. É importante salientar que mesmo que existam traços comuns entre as diversas formas de experiência transgênero, os discursos desses sujeitos acerca de suas trajetórias enfatizam que há aspectos diferenciadores e principalmente hierárquicos dentro e fora do universo GLS usados para as/os definir, os quais nos mostram o quanto é necessário que se coloque em debate, para além de suas semelhanças, suas especificidades. Nesse sentido, este trabalho visa mostrar como as auto definições utilizadas por esses sujeitos podem não refletir as definições externas que lhes são atribuídas, sem pretender criar alguma espécie de taxionomia. As discussões aqui postas estão embasadas em minha pesquisa etnográfica acerca das corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina e estarão perpassadas também pela discussão do conceito de transgênero.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia; Corporalidade; Transgênero; Estereótipos, construção

Anna Paula Vencato¹

**CONFUSÕES E ESTEREÓTIPOS: O
OCULTAMENTO DE DIFERENÇAS
NA ÊNFASE DE SEMELHANÇAS
ENTRE TRANSGÊNEROS²**

*D*epois de uma longa busca, encontrou-o numa casa noturna de San Francisco, o Club of Beautiful Men, onde os membros não tinham nome, sexo ou idade definidos. Eram transformistas. Num dado momento eram homens, no instante seguinte viravam mulheres. Ganhavam a vida assim, brincando com a fantasia de outros homens e outras mulheres. Não tinham passado e não se importavam com o futuro. Viviam no presente, eternamente transformando-se no que não eram e voltando a ser o que sempre foram.

(Marco Lacerda.)³

A pergunta *E... tem drag queen aqui?* costumava me deixar curiosa quando ia a campo e contava a alguém que estava

¹ Doutoranda em Sociologia e Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. <apvencato@hotmail.com>

² Trabalho embasado em minha dissertação de mestrado, que trata das corporalidades e das performances de drag queens na Ilha de Santa Catarina. O trabalho foi orientado pela Prof.^a Dra. Sônia Weidner Maluf, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Santa Catarina. VENCATO, A. P. *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. 2002. 124 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

³ A personagem que estava sendo procurada não era um transformista e, de acordo com a narrativa do romance, é identificada como uma drag queen. LACERDA, M. *Clube dos homens bonitos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. p. 128.

pesquisando drags. Em algumas dessas ocasiões as *drags* estavam a poucos passos de onde estávamos. Em outras ocasiões, pessoas me apontavam matérias jornalísticas que falavam de transexuais ou travestis dizendo que tinha saído alguma coisa sobre drags num ou noutro veículo midiático. Algumas outras vezes pessoas me diziam que tinham visto uma ou outra drag “fazendo ponto” em alguma região em que sabe que travestis desempenham prostituição de pista.

As pessoas que me faziam essas perguntas ou comentários não eram aquelas que encontrava com frequência nos mesmos lugares a que ia para observar as drags. Passado algum tempo observando tais confusões, comecei a pensar que essa espécie de “invisibilidade” das drags dava-se, principalmente, por serem confundidas com outros tipos de metamorfoses de gênero⁴ ou de transgênero, principalmente com as travestis⁵ (mesmo as transexuais costumam ser associadas à figura da travesti).

Há traços comuns entre esses sujeitos *trans*. São esses traços que fazem com que a confusão entre um e outro tipo de transgênero não pareça absurda. Essa confusão começa a se tornar um problema, contudo, quando diferenças importantes que separam cada uma dessas categorias acabam esquecidas, geralmente associando a esses sujeitos “marginais” uma carga de julgamento moral que os estigmatiza e, em certo sentido, justifica preconceitos.

As distinções entre travestis, transexuais e drag queens já estão muito marcadas na apresentação visual desses sujeitos, e

⁴ O caráter relacional da construção do gênero deve ser evidenciado, e não se refere apenas àquilo que é historicamente feminino e nem tampouco enfatiza apenas a construção social da diferença entre homens e mulheres, Cf. SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Falar em gênero, assim, implica em significar relações de poder, pois a *diferença dos sexos é um jogo político que é, ao mesmo tempo, jogo cultural e social*, Cf. GROSSI, M. P., HEILBORN, M. L., RIAL, C. S. Entrevista com Joan Wallach Scott. *Estudos Feministas*, v. 6, n. 1, p. 114-124, 1998. Em certo sentido, é essa a perspectiva que estarei adotando ao falar em gênero neste trabalho, ou seja, gênero como algo construído, relacional e, portanto, estruturado e estruturante de relações de poder.

⁵ MALUF, S. W. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: LAGO, M.; SILVA, A. L. da; RAMOS, T. *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 261-275.

acabam ainda mais sublinhadas caso observadas suas práticas sociais. Além disso, a diferenciação entre um e outro grupo é constantemente requerida por esses sujeitos, que não pretendem confundir-se, mas, ao contrário, buscam uma espécie de diferenciação dentro da diferença, uma vez que o transvestismo⁶, enquanto fenômeno está longe de ser a “norma” em nossa sociedade e mesmo dentro do universo homossexual. Nesse contexto, mais do que falar acerca das semelhanças entre esses sujeitos, que buscam não só se distinguirem entre si como desejam que os(as) outros(as) os(as) vejam de modos diferentes, é necessário discorrer sobre as diferenças existentes entre eles.

Farei neste texto uma breve diferenciação entre as manifestações do fenômeno transgênero partindo sempre do caso das drag queens. É importante reforçar que, mesmo que existam traços comuns entre essas diversas formas de experiência transgênero, seus discursos acerca de suas trajetórias enfatizam que há entre os diferentes *tipos* de transgêneros, aspectos diferenciadores e principalmente hierárquicos dentro e fora do universo Gay, Lésbico e Simpatizantes (GLS).

Não falarei aqui em transformistas porque não estiveram presentes em minha pesquisa de campo, o que não quer dizer que não existam no Estado de Santa Catarina ou nos discursos das pessoas que freqüentam ou trabalham em bares e boates gays. Também não falarei sobre os drag kings porque não tenho notícias da existência desses sujeitos no Brasil. O trabalho estará centrado no transvestismo que pode ser chamado *male-to-female*, muito embora esta talvez seja uma expressão mais apropriada quando utilizada para se referir a transexuais. Para que se possa levar adiante a discussão é necessário fazer inicialmente uma breve incursão sobre os conceitos de transgênero e *crossdressing*.

⁶ O termo transvestismo é uma adaptação para o português de uma terminologia utilizada em países anglofônicos. Faz referência explícita ao termo “transvestite”, que muitas vezes é traduzido como algo sinônimo a “travesti”. Os termos não são correspondentes, como está posto mais adiante no texto, mas essa apropriação indevida é boa para pensar num problema de quem trabalha com os estudos gays, lésbicos e transgênero — a importação de categorias e conceitos e a aplicação dos mesmos sem uma reflexão muito aprofundada acerca do contexto brasileiro. Assim, esses termos “importados” não estão utilizados neste texto sem algum receio.

TRANSGÊNERO E *CROSSDRESSING*⁷

O objetivo deste tópico é operacionalizar os conceitos de transgênero e *crossdressing* enquanto fenômenos que trabalham com manifestações de transvestismo, ou seja, enquanto apropriação de roupas e signos femininos por sujeitos de que socialmente se esperava que usassem ou se apropriassem de signos masculinos (ou, em outros contextos, vice-versa). Ramet⁸ afirma que o *crossdressing* é um fenômeno existente em todo o mundo e encontrado em todas as épocas históricas, não dizendo respeito apenas à procura pelo feminino, muito embora encontre nela seu campo mais fértil. A *procura pelo feminino*, homens “vestindo-se” de mulher, é certamente um fenômeno muito interessante, principalmente se observado sob a ótica do gênero e se pensarmos

⁷ Muito embora a *queer theory* seja bem menos difundida no Brasil que nos países anglofônicos, é difícil falar sobre *crossdressing* sem fazer referência a ela. A *queer theory* tem entrado no Brasil principalmente via discussões realizadas por autoras vinculadas aos Estudos Culturais, como LOURO e SWAIN, que se servem principalmente das teorias propostas por Judith Butler, Cf. BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. O termo *queer* tem sido usado para englobar gays e lésbicas na literatura anglo-saxônica. O termo foi primeiramente usado pejorativamente para definir homossexuais e mais tarde englobado pelos movimentos ativistas, que tentavam ressignificá-la (esse movimento fala numa *política* e numa *teoria queer*). *Queer* pode significar, também, “estranho”. Em certo sentido, a *queer theory* anda pelo mesmo caminho dos pós-estruturalistas, sendo que suas discussões remetem a questões de identidade. Para essa teoria, as identidades não são fixas e não determinam quem somos. Essa teoria sugere que não há porque falar em “mulheres”, “homens”, ou qualquer outro grupo, pois as identidades são compostas de tantos e distintos elementos que a simples afirmação de que pessoas podem ser agrupadas por possuírem uma ou duas características comuns seria algo enganoso. As identidades seriam, em suma, plurais, em constante construção e este processo não teria margens nem limites. O termo *queer* expressa, assim, os diferentes aspectos de uma pessoa. Ver em: LOURO, G. L. *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*. *Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2002 e SWAIN, T. *Identidades nômades: desafios para o feminismo*, [S.l.:s.d.]. Mimeografado.

⁸ RAMET, S. P. (Org.). *Gender reversals and gender cultures: an introduction*. In: *Gender reversals and gender cultures*. London: Routledge, 1996. p. 1-22.

que na cultura o masculino sempre teve um valor hierárquico maior que o feminino.

A presença de sujeitos que praticam *crossdressing* no sentido masculino-feminino contrasta intensamente com a ausência, ao menos na minha pesquisa de campo e na literatura que encontrei sobre o assunto, do mesmo fenômeno no sentido inverso. Assim, nunca vi uma drag king⁹ nas festas a que fui, enquanto as drag queens estão presentes em muitas delas (aqui faço referências a festas do circuito GLS que compreende as cidades de Florianópolis, Joinville e Balneário Camboriú). A procura pelo “feminino”, por um feminino “inventado”¹⁰. Silva¹¹, causa estranhamento na medida em que, se o masculino possui um maior valor social que o feminino, é curioso que esses rapazes queiram usar esses acessórios atribuídos ao feminino, ou seja, desejam e realizam algo de *menor prestígio* social. Algo se desestabiliza na cultura quando essas inversões hierárquicas ocorrem, mas isso não significa que haverá mudanças culturais efetivas a cada inversão simbólica dos signos de sexo e gênero. Assim, concordo com a perspectiva de Garber, quando afirma que

Se o transvestismo oferece uma crítica das distinções binárias de sexo e gênero, isso não acontece simplesmente porque faz tais distinções reversíveis,

⁹ Que seria o “oposto binário”, por assim dizer, da drag queen, ou seja, uma mulher que faz performances corporais e verbais adotando uma personagem que faz referências a um modelo de homem e masculinidade como, por exemplo, representar um motoqueiro. De acordo com NEWTON, mesmo nos Estados Unidos existem em pequeno número. Encontrei certa vez um *site* de uma companhia de drag kings norte-americanas chamada Matt Sexton and Company em que havia uma breve apresentação de cada integrante [montado] do grupo e algumas fotos, Cf. NEWTON, E. On the job. In: _____. *Mother camp: female impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1979. p. 1-19. Disponível em: <<http://www.geocities.com/mattncompany/index.html>>

¹⁰ Usarei o termo para falar também sobre as drag queens, mesmo que os sujeitos da pesquisa deste autor tenham sido travestis. Isso porque, todo feminino é inventado, sendo construído dentro de lógicas culturais que variam de uma sociedade para outra.

¹¹ SILVA, H. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

mas porque desnaturaliza, desestabiliza e desfamiliariza os 'signos' de sexo e gênero.¹²

Nos últimos anos, principalmente no final da década de 1990, o termo *transgender* (que usarei aqui em português) tem surgido, para designar algumas das pessoas que praticam *crossdressing*. O uso do termo deu-se com especial força dentro da militância gay, referindo-se principalmente, nesse caso, à problemática da identidade. No campo acadêmico, o termo começou a ganhar espaço principalmente dentre os Estudos Culturais e a Literatura (tanto nos textos literários quanto nos textos de crítica literária), sendo a maior parte dos textos publicados nessa área oriundos desse campo. Cunha Campos¹³, por exemplo, mistura em seu texto, sem definir o termo transgênero, análises sobre este fenômeno em obras de ficção e em fatos noticiados pela imprensa, enfatizando a problemática da identidade.

Essa perspectiva costuma ser criticada, contudo, pela falta de concretude. As teorias pós-estruturalistas estão bastante fundamentadas em Michel Foucault e a construção discursiva das sexualidades, tanto da normativa quando da desviante. Apesar dessa crítica, esses trabalhos têm contribuído significativamente na inclusão dos sujeitos *trans* nos textos acadêmicos. Em outros campos disciplinares, é bem mais difícil encontrar referência a esses sujeitos – não que nunca tenham sido trabalhados, basta ver a longa produção da Antropologia brasileira sobre as travestis – mas ainda ocupam um espaço marginal. Se as teorias pós-estruturalistas vão falar sobre tais sujeitos no plano discursivo, para a Antropologia, em especial aquela parte que se dedica à produção de etnografias, o que vai importar é mais como esse sujeito, concreto, está colocado dentro de seu grupo, de sua cultura e as relações simbólicas que estabelece a partir disso.

¹² *If transvestism offers a critique of binary sex and gender distinctions, it is not because it simply makes such distinctions reversible but because it denaturalizes, destabilizes, and defamiliarizes sex and gender 'signs'.* (Grifo da autora) GARBBER, M. Sign, co-sign, tangent: crossdressing and cultural anxiety. In: GELDER, K.; THORNTON, S. *The subcultures reader*. London: Routledge, 1997. p. 454-455.

¹³ CAMPOS, M. C. C. Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro; Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p. 37-52, 1999.

Das Ciências Sociais, nos textos a que tive acesso, de autores brasileiros ou não, apenas uma falava sobre esses sujeitos fazendo uso dessa categoria analítica. Farei aqui, então, uso da definição de transgênero dada por Jayme.¹⁴ De acordo com a autora, quando iniciou sua pesquisa, o termo *transgender* era utilizado em textos internacionais para definir, de modo geral, travestis, transexuais, transformistas, drags e andróginos, levando em conta que há particularidades entre esses sujeitos. A autora usa, em seu trabalho, a definição que lhe foi dada por Jô Bernardo, uma das informantes de seu trabalho, que atuava na Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA) de Portugal:

[...] *transgender* é uma palavra que quer englobar os vários 'transgêneros', que são travestis, transformistas, transgenderistas, drag queens, cross-dressers, transexuais também e mais nada, e que engloba todos, todos esses grupos. Qualquer desses grupos pode ser homossexual, como heterossexual, como bissexual, por isso não engloba homossexuais, mas desde o momento que sejam 'transgender' [...]

Em outras palavras, para sua entrevistada o termo *transgender* diz respeito ao agrupamento de diferentes modos, manifestações do transvestismo, que se dá também no nível do desejo, mas passa a ser efetivamente reconhecido e significado, mesmo nos discursos sobre o assunto, quando acontece o *crossdressing*. O constante trânsito, conforme Garcia¹⁵, entre um e outro gênero também lhes é definidor. Evidentemente, nem toda prática de *crossdressing* aponta para a existência de um sujeito transgênero, e nem mesmo se poderia dizer que é o passeio entre masculino e feminino que os define. A construção desses

¹⁴ JAYME, J. G. Montar-se: discutindo corpo e incorporação entre os transgêneros. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 4., 2001a, Curitiba. Sentidos do Gênero. Curitiba: UFPR, 1994. p. 20. Grupo de trabalho. Mimeografado; _____. *Travestis, transformistas, drag queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. 2001b. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

¹⁵ GARCIA, W. *A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo*. São Paulo: Pulsar, 2000.

sujeitos é muito mais complexa e, nesse sentido, concordo com Maluf¹⁶ quando afirma que estas pessoas se fazem sendo, na inscrição simbólica do desejo em um corpo, inscrição esta que deve ser sempre reatualizada e reafirmada.

O que diferencia a drag dos outros transgêneros, a meu ver, são aspectos como temporalidade, corporalidade e teatralidade. Temporalidade porque a drag tem um tempo “montada”, outro “desmontada” e, ainda, aquele em que “se monta”. Diferente de travestis e transexuais, as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem. A corporalidade drag é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender esses sujeitos.

Aproximando dessa perspectiva da teatralidade, Marino, num artigo acerca do travestismo em comédias cinematográficas, argumenta que o exagero na gestualidade feminina de certas personagens travestidas seria um indício de espaço ficcional, sendo que *parte do atrativo dos personagens travestidos se encontra na imagem de completude que oferecem: possuem características de mais de um gênero sexual. Sua identidade pareceria, ilusoriamente, inteira e autoabastecedora.*¹⁷ Ainda, aponta que a performance dessas personagens – nesse caso, uso e impoção da voz e comportamento não-verbal estereotipado do gênero que imita – tende a ocultar o “corpo real”, tendendo a construir um outro corpo que será então proposto como socialmente legítimo. Isso se parece muito, a meu ver, com o que aparentam ser as drags que estiveram presentes em meu trabalho de campo.

Com relação às drags, seria apropriado ainda pensar nos termos de Montero quando diz que:

¹⁶ MALUF, 1999. In: LAGO, M.; SILVA, A. L. da; RAMOS, T. *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 261-275.

¹⁷ *Parte del atractivo de los personajes travestidos se encuentra en la imagen de completud que brindan: poseen características de más de un género sexual. Su identidad parecería, ilusoriamente, entera y autoabastecedora.* MARINO, P. R. Travestismo: la contrucción de la identidad de género sexual em algunas comedias norteamericanas. *InTexto*, Porto Alegre, n. 2, p. 6, 1997. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br>>

[...] a imperfeição de sua imitação é o que faz dela atraente, que a faz eminentemente legível. Imitações perfeitas de mulheres por homens ou de homens por mulheres são curiosas, mas não interessantes. É necessário que exista algum 'conto de fadas', não uma barba por fazer grosseira ou a falta de habilidade do amador, mas algo compreensível, um pé que é muito grande, um gesto sutil ou a natureza peculiar da voz.¹⁸

É um pouco a confusão entre signos masculinos e femininos que faz com que a drag chame a atenção e, por vezes, divirta. A drag aguça a curiosidade da platéia, que em muitos momentos busca aquilo que não está no lugar — um descuido na maquiagem, uma *mal andada* de salto, um pênis mal escondido, etc. sendo que, o que está *fora do lugar* causa alguma instabilidade e desconforto. Ao mesmo tempo, a não paridade entre os signos de sexo e gênero que carregam faz com que prendam a atenção. Talvez por essas razões, informações sobre o corpo da drag “desmontada” tenham valor no mercado de bens simbólicos gay. Assim, há sempre uma curiosidade em saber se as drags, além de usarem *coisas de mulher*, tomam hormônios femininos, têm “necão” ou “nequinha”¹⁹, depilam todo o corpo, etc. De qualquer modo, as drags não são as únicas pessoas que praticam *crossdressing* e que aguçam essa curiosidade. Há outros sujeitos que também participam desse processo, sendo que é comum que sejam confundidos entre si. Assim, faz-se importante aqui tecer algumas distinções entre eles.

¹⁸ Apud GARBER, M. Sign, co-sign, tangent: crossdressing and cultural anxiety. In: GELDER, K.; THORNTON, S. *The subcultures reader*. London: Routledge, 1997. p. 456-457. *The imperfection of her imitation is what makes her appealing, what makes her eminently readable. Foolproof imitations of women by men or men by women, are curious, but not interesting. There has to be some tell tale, not the gross five o'clock shadow or the limp wrist of the amateur, but something readable, a foot that is too big, a subtle gesture or the peculiar grain of the voice.*

¹⁹ “Ter necão” significa ter pênis grande, “ter nequinha” significa ter pênis pequeno.

TRAVESTIS

Uma situação interessante em meu trabalho de campo fez com que pudesse observar que às travestis é dado, por vezes, um lugar de *praticamente mulher*, sendo que isso é mediado, em grande parte, pelo discurso biomédico (que permeia também praticamente toda a literatura sobre transexuais), então apropriado pelo discurso não-técnico sobre o assunto. Isso se deu quando perguntei a um rapaz sobre uma travesti que conheci durante o carnaval e que é amiga dele. Ele respondeu: *Não tenho falado muito com ela, ela anda meio estranha, meio irritada... Sabe como é travesti, né? Elas tomam aqueles hormônios e ficam meio loucas....* Essa fala me fez pensar um pouco que o fato do corpo da travesti estar sendo modificado no sentido masculino-feminino pode ser suficiente para dar a ela uma atribuição de feminilidade, principalmente porque o fato da travesti estar tomando hormônios femininos justifica que ela tenha um comportamento mais agressivo, beirando o fora do controle, assim como à mulher são dados esses atributos na fase pré-menstrual, sendo os responsáveis também por tal comportamento os hormônios.

Mas não foi apenas através da fala desse garoto que essa associação *ser mais mulher = travesti* foi-me apresentada. Nas entrevistas que realizei, todas as drags disseram que uma *drag* não quer se parecer com uma mulher pois, caso se parecesse, não seria uma *drag* e sim, uma travesti. É interessante frisar que essas falas das drags não significam que não se relacionem bem com as travestis, que não mantenham laços de amizade com elas. Embora possa existir algum conflito entre esses sujeitos, não ouvi em minha pesquisa de campo nada semelhante ou próximo da fala do personagem Agrado (do filme Tudo sobre Minha Mãe, de Pedro Almodóvar), uma travesti, acerca das *drag* queens: *As drags estão nos liquidando. Não suporto as drags, são umas nojentas. Confundiram travestismo com circo. Um horror*²⁰, seja de drags falando de travestis ou o contrário.

²⁰ MALUF, S. W. Corpo e desejo: *Tudo sobre Minha Mãe* e o gênero nas margens. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 4., 2000, Florianópolis. Corpo, cultura e textualidade. Florianópolis: UFSC, 2000. Mesa Redonda. [publicado na Rev. de Est. Fem., v. 10, n. 1, p. 143-153, 2002]

É difícil encontrar na literatura sobre o assunto uma definição objetiva do que seja uma travesti. De qualquer modo, é possível, nessa literatura, levantar alguns traços que os caracterizem. De acordo com travestis, sujeitos da pesquisa de Silva, [...] *travesti não é quem se veste de mulher, é quem toma hormônio e silicone*²¹, [...] *mesmo que não seja somente isso que produza o feminino*.²² A produção do feminino seria um processo contínuo, uma luta cotidiana contra os traços/excessos masculinos, que sempre *dão um jeito de aparecer*. A figura do travesti geralmente é associada com a prostituição *de calçada*, com a noite, muito embora essa associação seja muito estereotipada por presumir que às travestis não pode ser dada outra qualificação profissional além do pertencer ao que é considerado como *baixo meretrício*.

Contudo, não se pode pensar que esses sujeitos possam apenas desempenhar esse tipo de trabalho. Conforme Silva, *o universo dos travestis não é nem mais nem menos complexo que nenhum outro. Apenas, como qualquer outro, contém especificidades que exigem cuidados específicos*.²³ E, como as outras pessoas, as travestis podem ter trajetórias diversas, que não necessariamente passem pela prostituição.

Conforme Oliveira:

*[...] Se historicamente o travesti se impôs pela violência, atualmente [...] ele se impõe com maquiagem suave, gestos amenos e delicados; recato, discricção e trajes meio-termo... — há alguns da batalha que exacerbam um pouco, quem sabe usufruindo e negociando um legado deixado pelos que abriram caminho pela imposição da violência contra a violência.*²⁴

²¹ SILVA, 1993, p. 117

²² Ibid., p. 95

²³ Ibid., p. 82

²⁴ Em sua etnografia dos travestis da capital catarinense, o autor traça mapas dos lugares ocupados pelas travestis que fazem prostituição de pista em vários pontos da cidade. É interessante constatar que atualmente nenhum dos locais apontados pelo autor no Centro da cidade é ocupado por esses sujeitos ou por qualquer outro com a mesma atividade. A prostituição de rua continua a existir, contudo em outros espaços e, no Centro,

Picazio, que trabalha com uma perspectiva psicológica, define o travesti como:

- 1) a pessoa heterossexual, [...] *que se sente e se comporta de acordo com seu sexo biológico, isto é, assume a maioria das vezes papéis sexuais de acordo com o seu gênero, mas que para manter uma relação sexual satisfatória necessita usar uma peça da vestimenta ou a roupa inteira do sexo oposto ao seu*²⁵;
- 2) o tipo popular, seriam [...] *pessoas biologicamente identificadas com seu sexo de nascimento e que se sentem tanto homens quanto mulheres, na maioria das vezes ao mesmo tempo.*²⁶ Mas o que significaria *biologicamente identificadas* ou *se comporta de acordo com seu sexo biológico*?

Prefiro usar aqui a definição dada por Silva (ou por seus informantes) para descrever os(as) travestis que venho observando no carnaval de rua gay ilhéu ou nas boates gays. Isso porque não me parece que se encaixem em nenhum dos modelos descritos por Picazio, mesmo que não os tenha pesquisado efetivamente (principalmente o primeiro modelo, o qual, em minha opinião, não possui nenhuma correspondência com esses sujeitos). Parece que essa definição de travesti como alguém que pratica *crossdressing* com o intuito de excitar-se sexualmente é tomada quando se transpõe/traduz, como se fossem correspondentes, o termo *transvestite* para travesti. O(a) travesti brasileiro(a), como já demonstraram vários estudos²⁷, nada

desempenhada apenas por michês e prostitutas. As travestis que trabalham nesse setor ocupam vários espaços do continente. A prostituição de pista na Ilha atualmente difere também da de travestis e grupos de meninos de rua. Cf. ERDMANN, R. M. *Reis e rainhas no Desterro: um estudo de caso*. 1981. Dissertação (Mestrado Antropologia Social)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. OLIVEIRA, M. J. *O lugar do travesti em Desterro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 53.

²⁵ PICAZIO, C. Travestis, transformistas, *drags* e *cross-dressers*. In: *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998a. p. 51.

²⁶ *Ibid.*, p. 52

²⁷ Como por exemplo, KULICK, que pesquisou travestis na cidade de Salvador, Cf. KULICK, D. *Travesti: sex, gender and culture among Brazilian*

ou pouco tem em comum com os(as) *transvestites* norte-americanos.

Ao invés de praticar *crossdressing* com intuito de excitar-se/preparar-se para a prática sexual, o(a) travesti busca realizar uma construção corporal que o aproxime a um corpo feminino, contudo, não quer tornar-se uma mulher “de verdade”, ou seja, não deseja extirpar seu falo. Geralmente passa por vários processos de construção corporal em direção ao feminino (colocando silicone, fazendo depilação, fazendo cirurgias plásticas, etc.) sendo esses processos mais ou menos rudimentares dependendo, principalmente, do poder aquisitivo das travestis, que determina acesso a técnicas mais avançadas ou não de remodelação corporal.

TRANSEXUAIS

O(a) transexual é a pessoa que nasce com um sexo anatômico mas que se sente *no corpo de outro alguém*, desejando ter o outro sexo e, mesmo, representando-se como pertencente ao sexo morfológico oposto àquele com o qual nasceu. De modo geral, é assim que esses sujeitos vêm sendo trabalhados na literatura acadêmica e, por vezes, em discursos de segmentos específicos da sociedade, como dentro do movimento gay. É necessário, a meu ver, visitar alguns autores que escreveram acerca da transexualidade para contextualizar esses sujeitos que começam a aparecer na literatura médico-psiquiátrica por volta de 1953.²⁸ A maior parte das discussões acerca desses sujeitos é oriunda do campo da Psicologia e da Medicina, sendo poucos os trabalhos de outras áreas que falam sobre esses sujeitos, principalmente no Brasil.

De acordo com Stoller, em seu livro clássico acerca da transexualidade,

transgendered prostitutes. Chicago: University of Chicago Press, 1998 e JAYME, que pesquisou transgêneros em Belo Horizonte e Lisboa, Cf. JAYME, 2001b

²⁸ Cf. CASTEL, P.-H. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111, 2001; STOLLER, R. J. *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

O transexualismo é uma desordem pouco comum, na qual uma pessoa anatomicamente normal sente-se como membro do sexo oposto e, conseqüentemente, deseja trocar seu sexo, embora suficientemente consciente de seu verdadeiro sexo biológico. A condição é rara, embora não se saiba o quanto, em parte, por não haver unanimidade sobre o que deva ser chamado transexual.²⁹

Para Castel, num texto que traça o histórico do *fenômeno transexual* ao longo do século XX, o transexualismo é uma síndrome complexa, sendo inserida num contexto patológico ou não durante um processo que já se estende há praticamente um século. Essa síndrome,

Caracteriza-se pelo sentimento intenso de não-pertença ao sexo anatômico, sem por isso manifestar distúrbios delirantes (a impressão de sofrer uma metamorfose sexual é banal na esquizofrenia, mas neste caso é acompanhada de alucinações diversas), e sem bases orgânicas (como o hermafroditismo ou Qualquer outra anomalia endócrina). [...] Ela figura hoje no manual-diagnóstico publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (DSM 4), não sob o título de 'transexualismo', mas como 'distúrbio de identidade de gênero'.³⁰

Ainda, com o aumento das possibilidades técnicas de atender as demandas de “adequação” vinda dos(as) transexuais,

²⁹ STOLLER, loc. cit., p. 3

³⁰ CASTEL, 2001, p. 77-78; para STOLLER, o termo *identidade de gênero* [...] se refere à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes, Cf. STOLLER, R. J. Uma introdução à identidade de gênero. In: _____. *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 28; STOLLER, 1982. Este autor trabalha com uma definição de identidade de gênero nuclear, que estaria definida em torno dos dois ou três anos em cada pessoa, e que seria quase inalterável depois disso. A identidade de gênero nuclear é [...] *um conjunto de convicções pelas quais se considera*

deu-se um aumento significativo da demanda por mudança de sexo, sendo que a [...] ‘sex ratio’, que inicialmente guardava uma proporção de uma mulher para oito homens solicitando hormônios e cirurgia, é agora de uma para três.³¹

De acordo com Picazio³² os transexuais sentem um desconforto enorme ao olhar para os seus genitais. Muitos não conseguem nem se lavar direito, não se tocam e não permitem que outra pessoa os toque. Ainda, a grande maioria dos transexuais são confundidos enormemente com homossexuais. A transexualidade, [...] não é orientação do desejo, mas uma não-identificação com o corpo biológico, sendo que, para o autor, é importante, para compreender a transexualidade, que se entenda que sexo biológico não corresponde à identidade e independe, também, da orientação do desejo sexual.

É interessante observar como o discurso biomédico regula a fala sobre transexuais, acabando por defini-los, dando os parâmetros do que “são” e de quais pessoas “podem ser” transexuais, usando para isso definições um tanto estanques. Se o que define um(a) transexual é um profundo desconforto em relação ao sexo anatômico com que nasce, não penso ser possível

socialmente o que é masculino ou feminino, sendo que [...] se constrói em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê, enquanto menina ou menino, Cf. GROSSI, M. P. Identidade de gênero e sexualidade. In: Antropologia em Primeira Mão, 24, Ilha de Santa Catarina: PPGAS-UFSC, 1998, p.10-11. Já HALL, em consonância com o que nos é colocado pelas teorias pós-modernas, afirma que não há mais um eu central ou uma identidade fixa, permanente. Para ele, a complexificação das relações sociais e culturais produz um mundo eivado de simbologias, com as quais vamos nos identificando ou rejeitando. Dessa forma, para essas teorias, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, Cf. HALL, S. Identidades culturais na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997, p. 14. Se aplicada ao gênero a concepção de identidade cultural desse autor, poder-se-ia dizer que se contrapõe ao que diz STOLLER, na medida em que não haveria aqui a possibilidade de existência de uma identidade de gênero nuclear.

³¹ CASTEL, 2001, p. 78

³² PICAZIO, C. Diversidades sexuais. In: *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998b. p. 45-50; PICAZIO, 1998a. In: *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998a. p. 51-58.

afirmar que essas pessoas sempre queiram/possam passar por cirurgias de mudança de sexo. O desejo de ter um corpo diferente daquele com o qual “se nasceu” pode existir, mas podem não existir condições de operacionalização desse desejo, nem sempre mediadas apenas pela falta de dinheiro. As várias cirurgias pelas quais alguém que demanda mudar de sexo passa não são realizadas sem muita dor, dinheiro, disponibilidade de tempo e, também, paciência (para passar por todos os testes e etapas que antecedem a cirurgia em si). Além disso, dentro desse discurso, parece que a cirurgia é o único passo a ser dado na consolidação de uma mudança efetiva nesse sujeito, não levando em conta vários outros aspectos como, por exemplo, os processos judiciais de adequação do prenome (a esse respeito ver Madeira³³) e as formas como se apresenta e é vista pelos(as) outros(as) essa pessoa já operada em sua vida cotidiana³⁴, as constantes negociações que precisam fazer para, digamos, ter alguma aceitabilidade numa sociedade que não tem como característica principal o respeito à diferença. Portanto, reduzir a transexualidade estritamente a um ato cirúrgico é não levar em conta a experiência social desses sujeitos.

Talvez por questões como essas, certa vez, ao perguntar a uma pessoa que se definia como transexual (MTF) se ela era operada, ela meneou a cabeça negativamente, demonstrando algum espanto acerca de minha pergunta. A produção da transexualidade não se faz apenas mediada pelo desejo de intervir no corpo, não se dá através do corte de um bisturi.

Além disso, é comum entre esses sujeitos que façam referências a si mesmos de modo diverso em diferentes momentos, ou seja, que possam se auto-referir como travestis, transexuais

³³ MADEIRA, B. *Adequação jurídica do prenome em transexual operado*. 2001. Monografia. Florianópolis: CCJ-UFSC.

³⁴ Contudo, para quem passa por ela, a cirurgia pode ser considerada um marco na vida dessas pessoas. Uma transexual MTF (*male to female*) que conheci alguns anos atrás referia-se todo o tempo ao fato de ter realizado a operação. Era comum que iniciasse frases dizendo *Depois que eu me operei...* ou *Antes da minha cirurgia...* Para minha surpresa a personagem Ramona (interpretada por Cláudia Raia, na novela *As Filhas da Mãe*, da Rede Globo, que terminou no início de 2002), uma transexual MTF, também fazia esse tipo de referências a sua cirurgia todo o tempo.

ou mulheres, em contextos diferentes. Isso implica numa construção de identidade raramente centrada em categorias estanques e extremamente pautada no que se poderia chamar de negociação constante de sentidos. Como sujeitos de sua própria transformação, esses sujeitos acabam manipulando com alguma destreza sua identidade, talvez para lidar melhor com os preconceitos que lhes atingem.

DRAG QUEENS À CATARINA³⁵

Com relação às *drag queens* de que falo, e cujas vozes aparecem em minha pesquisa, “realidade” é um conceito que se dilui em performances e em textos, nem sempre ensaiados mas teatrais, em maquiagem, brilho e tudo aquilo que cabe na palavra *fake*. Conforme McNeal, *a complexidade da drag requer que qualquer interpretação seja entendida como uma verdade parcial*.³⁶

A carreira de profissional drag não é estável. Há sempre drags surgindo e parando de “se montar”. Algumas chegam a profissionalizar-se, mas a maior parte desiste logo. Apesar do espaço na mídia que têm hoje, as drags, na maioria das vezes, ainda não são reconhecidas como artistas do entretenimento e acabam tendo dificuldades de se estabelecer, tomar espaço e conseguir trabalhos (principalmente que paguem bons cachês³⁷).

Drags são feitas de maquiagem, de texto, de modos de ser/estar no meio do público, de performances, de dublagens, de fantasias, de desejos... e o todo é sempre mais do que a soma

³⁵ Gíria para “catarinense”.

³⁶ *Drag's complexity requires that any single interpretation be understood as partial truth*, Cf. MCNEAL, K. E. Behind the make-up: gender ambivalence and the double-bind of gay selfhood in drag performance. *Ethos*, Washington, v. 27, n. 3, p. 344-378, 1999.

³⁷ Não há como precisar quanto uma drag recebe por trabalho porque este valor depende de variáveis como quão famosa ela é, se está atuando em festa particular ou casa noturna, se está trabalhando para o público gay ou “hetero”, se está trabalhando na cidade em que mora ou fora dela, se é o primeiro trabalho na casa noturna ou não, se é contratada como atração fixa de um local ou não, entre outros.

das partes, parafraseando um conceito matemático. De modo geral, elas são homens que se transvestem mas sem o intuito de se vestir de mulheres, mesmo que de forma caricata. Diferente dos “blocos de sujos³⁸” do carnaval ilhéu, re-inventam um feminino exagerado em sua representação, porém sem debochar do “ser mulher”. Enquanto os “blocos de sujos” vestem-se com roupas femininas que destoam de seus corpos e atitudes, as drags buscam, tal qual os(as) travestis, uma certa aproximação dessa “mulher” que levam a público, muito embora a completa identificação nunca seja o resultado almejado. A maquiagem de uma drag queen jamais estará borrada, suas roupas nunca estarão rasgadas (a não ser que o papel que desempenhem naquele momento o exija) e, ao menos em Santa Catarina, uma drag jamais aparecerá “montada” em público sem antes passar por um processo de depilação de quase todo o corpo, inclusive das sobrancelhas, que podem perder apenas os pêlos excedentes ou adquirirem um contorno bastante fino.³⁹

³⁸ Os “blocos de sujos”, na Ilha, são compostos por homens heterossexuais, que se vestem com roupas e acessórios usualmente atribuídos às mulheres, de forma bastante escrachada. Conforme fui informada, em outros lugares, são pessoas que saem às ruas fantasiadas de pobres/miseráveis. De certa forma representam o feminino de modo a parecerem homens efeminados, tendendo a “brincar” também com a homossexualidade masculina. Uso aqui o termo “homossexualidade”, um termo em princípio político, conforme FRY, que veio como proposta de substitutivo para o patologizante “homossexualismo”, Cf. FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115. Poderia fazer uso de homoerotismo, para não cair num discurso sobre uma condição ou identidade homossexual, como poderia me ser dito. Apesar da proposta de usar homoerotismo, conforme propõe Freire COSTA, seja interessante porque exclui alusão a patologias, não essencializa a prática e descreve melhor pessoas que sentem desejo por pessoas do mesmo sexo por não indicar identidade — porque não é um substantivo, não estou certa que o uso do termo não vá continuar fazendo com que essas pessoas sejam definidas/nominadas exclusivamente por suas práticas sexuais. Voltando aos rapazes que participam dos “blocos de sujos”, alguns chegam a adotar uma postura de escárnio com relação ao “ser mulher”, como se houvesse uma única fórmula aplicável à construção dessa categoria, Cf. COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. p. 21.

³⁹ Pude assistir a um show de duas drag queens do Rio Grande do Sul em que, para surpresa do público que as assistia, ambas mantinham os pêlos do corpo.

Dragos não são, necessariamente, homossexuais. Contudo, a associação é quase inevitável quando se fala delas em público e, geralmente, são perguntas dessa ordem que me são feitas quando conto que pesquisei drag queens. De acordo com Newton,

Dada a obsessiva preocupação cultural com a 'masculinidade', refletida pela interpretação dominante do comportamento homossexual e as negações e contra-acusações dos homossexuais, não é surpresa que a homossexualidade seja simbolizada na cultura [norte] americana como transvestismo. O termo homossexual para uma 'transvestite' é 'drag queen'. 'Queen' é um nome genérico para qualquer homem homossexual. 'Drag' pode ser usado como adjetivo ou substantivo. Enquanto substantivo significa as vestimentas de um sexo vestidas pelo outro (um terno e gravata vestidos por uma mulher também compõem 'drag'). A habilidade de 'fazer drag' é difundida no mundo gay, e muitos dos maiores eventos sociais incluem ou colocam em cena as drags ('festas drag', 'festas a fantasia', etc.).⁴⁰

Por que usar drag queens ou drags sem itálico ou aspas neste texto? Em primeiro lugar, proponho uma abasileiração do termo. No Brasil, este fenômeno, como muitos outros, adquire contornos particulares. Embora existam semelhanças entre drags brasileiras e americanas, há traços que afastam os significados

⁴⁰ *Given the obsessive cultural concern with 'masculinity' which is reflected in the dominant interpretation of homosexual behaviour and the denials and counter charges by homosexuals, it is not surprising that homosexuality is symbolized in American culture by transvestism. The homosexual term for a transvestite is 'drag queen'. 'Queen' is a generic noun for any homosexual man. 'Drag' can be used as an adjective or a noun. As a noun it means the clothing of one sex when worn by the other sex (a suit and tie worn by a women also constitute drag). The ability to 'do drag' is widespread in the gay world, and many of the larger social events include or focus on drag ('drag balls', 'costume parties', etc.). Cf. NEWTON, 1979. In: _____. *Mother camp: female impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1979. p. 1-19. Disponível em: <<http://www.geocities.com/mattncompany/index.html>>*

do como se “montam” (no camarim) e se apresentam (em público). Assim, festas à brasileira certamente diferem de festas à americana e, embora existam traços comuns entre festas, os significados atribuídos a elas diferem de cultura para cultura.

Ao contrário do que ocorre em outros lugares, conforme venho acompanhando na mídia GLS internacional, penso que o fenômeno drag no Brasil se restringe a rapazes que, num processo de montaria⁴¹ (nos países anglofônicos um processo chamado de *female impersonation*⁴²), tornam-se drag queens. Em outros países, ao menos naqueles em que se origina o fenômeno e onde mais fortemente torna-se fenômeno midiático, respectivamente Inglaterra e Estados Unidos, estar *in drag* tem outros significados, difíceis de transpor para o que observei durante a pesquisa de campo que empreendi e durante minhas idas como freqüentadora

⁴¹ Uma drag queen não se veste ou maquia apenas, ela se “monta”. “Montar-se” é o termo “nativo” que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir-se ou produzir-se. Não são apenas as drags que podem montar-se. Penso que até algum tempo atrás o termo aplicava-se apenas a esses sujeitos. Uma hipótese em que tenho pensado é a de que a disseminação da moda *clubber* entre adolescentes e jovens que vivem em áreas urbanas pode ter possibilitado a ampliação do uso da palavra, estendendo seu uso a qualquer pessoa que resolve vestir-se e maquiar-se de forma bastante elaborada e não usual (pois esse grupo social também usa o termo para definir sua “produção”).

⁴² *Female impersonation* seria uma transformação de gênero no sentido masculino para feminino, intrinsecamente relacionada a vestimentas e teatralização, cuja base principal é a própria transformação demonstrada pelo performer. Para NEWTON, drag queens são chamadas de *female impersonators* para amenizar, para o mundo hetero, a carga de homossexualidade que carregam, sendo que ‘*female impersonators*’ são ‘*performers*’ muito especializados. A especialidade é definida pelo fato de que os membros deste grupo são homens que performam exclusiva ou principalmente dentro de atributos sociais das mulheres. [*Female impersonators are highly specialized performers. The specialty is defined by the fact that its members are men who perform exclusively, or principally, in the social character of women.*], Cf. NEWTON, 1979. In: _____. *Mother camp: female impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1979. p. 5. Disponível em: <<http://www.geocities.com/mattnccompany/index.html>>. De acordo com BAKER, é um termo que tende a descrever qualquer homem que atue artisticamente vestindo-se como uma mulher, muito embora nem todos os homens que o tenham feito possam ser chamados de *female impersonators*, Cf. BAKER, R. Introduction. In: _____. *Drag: a history of female impersonation in the performing arts*. New York: New York University Press, 1994. p. 1-19.

(antes de vestir a máscara de antropóloga) a bares e boates GLS⁴³ na Ilha de Santa Catarina e em outras cidades deste Estado, ou a boates de outros estados. Nos países de língua inglesa, a palavra drag, sozinha, designa *crossdressing* de qualquer ordem: travestismo, fetichismo, drag kings, vestir roupas “do sexo oposto” e, claro, drag queens.⁴⁴

Nem sempre tão visíveis quanto se supõe, porque no Brasil é comum que transgêneros sejam observados pelos traços que têm em comum enquanto as diferenças costumam ser apagadas, as drags existem em performances que ultrapassam o planejado ou o construído através da maquiagem e trajes que portam. Drag queens, além do mais, estão presentes no imaginário GLS e urbano brasileiro. Elas existem também em sua relação com o público e com os donos de bares, com a mídia e com as outras drags, em sua relação com as paisagens carnavalescas brasileiras.⁴⁵ São também vendidas e expostas, não sem alguma assepsia, nos inúmeros filmes hollywoodianos que as trazem nem sempre representadas de forma *politicamente correta*.

Poderia argumentar que a *invisibilidade* que lhes é atribuída não diz respeito à invisibilidade da drag, mas com a dificuldade que algumas pessoas têm em ver diferenças entre drags e outros transgêneros, conforme venho argumentando. Assim, apesar de estarem com frequência na mídia, podem não ser “vistas”, embora tenham passado perante os olhos de alguns sujeitos que não as têm como representar enquanto drag queens, talvez porque tendam a classificar as drags em outras categorias de transgênero, como as que contextualizei neste texto.

⁴³ Cf. PALOMINO, E. A cena gay. In: *Babado forte: moda, música e noite na virada do século 21*. São Paulo: Mandarim, 1999. p. 150, *GLS significa gays, lésbicas e simpatizantes, um termo criado para determinar o público do festival de cinema experimental Mix Brasil, então uma pequena ramificação do New York Lesbian and Gay Experimental Film Festival*. É interessante observar que o título dessa ramificação do Capítulo A Cena Gay, é intitulado: GLS: um fundamento da cultura gay brasileira.

⁴⁴ PANATI, C. Life's a drag. In: *Sexy origins and intimate things: the rites and rituals of straights, gays, bi's, drags, trans, virgins and others*. New York: Penguin Books, 1998. p. 464-476.

⁴⁵ Para uma abordagem histórica das relações entre carnaval, subculturas gays e travestismos no Brasil, ver GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Ed. da UNESP, 2000.

Apesar de pouco desenvolvido durante o texto, é fundamental que se fale um tanto sobre estigma. Embasada em Foucault, Heilborn⁴⁶ afirma que [...] *a escolha de determinadas práticas sexuais revelaria a natureza dos indivíduos, situando-os frente aos outros*. A autora discute, ainda, que a identidade social é um conjunto de marcas sociais que colocam um sujeito num determinado mundo social e vai apontar para três dimensões de modelação da pessoa:

- 1) atributos/traços que constituem classificatoriamente o sujeito (gênero, idade, etc.);
- 2) como esses atributos se inserem num campo de significações sociais (que possui outros tantos atributos próprios);
- 3) como esses atributos vão expressar-se através de alguns valores, tomando corpo em significados que articulam a imagem de si em relação com o outro.⁴⁷

Nesse sentido, a difusão da categoria homossexual vem modificando o modo pelo qual são interpretados no Brasil os atos homossexuais. *Sua disseminação assinala a fragilização do modelo tradicional, que, orquestrado por uma oposição de gênero e fundado numa lógica significativa da atividade/passividade, admitia somente para o passivo uma classificação estigmatizante.*⁴⁸ E, tomando a sexualidade como o produto de aprendizado de significados sociais a ela associados, se no século XIX o sexo é posto em discurso (médico-psiquiátrico), um desdobramento recente dessa “discursividade” seria o *coming-out* (também conhecido como *outing* ou *sair do armário*, expressões que significam assumir orientação sexual homossexual publicamente) dos movimentos militantes gays. Também Velho⁴⁹ aponta que *o fato de um indivíduo ser judeu, católico, cigano, índio, negro,*

⁴⁶ HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R. G.; BARBOSA, R. M. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 138.

⁴⁷ Ibid., p. 137

⁴⁸ Ibid., p. 138-139

⁴⁹ VELHO, G. Prestígio e ascensão social: dos limites do individualismo na sociedade brasileira. In: _____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 39-54.

umbandista, japonês, etc. coloca-o como parte de uma categoria social que, dependendo do contexto, poderá ser valorizada ou ser objeto de discriminação ou estigmatização. Independente das práticas sexuais desses sujeitos *trans* (ou em trânsito, conforme Garcia⁵⁰), o fato de praticar *crossdressing* já garante um certo grau de marginalidade, e portanto de estigma, a essas pessoas. De acordo com Newton⁵¹, em relação às drag queens que pesquisou, esses sujeitos carregam uma carga muito grande de estigma porque, independente de qualquer coisa, representam fortemente a homossexualidade masculina e, com isso, acabam comprometendo o ideal hegemônico de masculinidade.

Mas não é apenas ao modelo hegemônico de masculinidade heterossexual que a construção simbólica do corpo transvestido e as performances de gênero desempenhadas por este corpo questiona. Há um outro corpo, também desviante, que é questionado por esses sujeitos: o corpo do homem gay, efeminado ou não, uma vez que a usual associação que se estabelece entre homossexualidade masculina e transvestismo incomoda a diversos rapazes homossexuais.⁵² Isso porque muitos

⁵⁰ GARCIA, 2000

⁵¹ NEWTON, 1979. In: _____. *Mother camp: female impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1979. p. 1-19. Disponível em: <<http://www.geocities.com/mattncompany/index.html>>

⁵² Uma pergunta recorrente acerca das drags é se são homossexuais e uma acusação recorrente é a de que são misóginas. Esta pergunta e acusação não são feitas apenas por pessoas de “fora da academia”, mas são também recorrentes quando o assunto está em debate em eventos acadêmicos. A pergunta é inquietante porque revela um pouco da lógica da significação do que é sexo e do que é gênero em nossa cultura. Afinal, um homem que usa tais apetrechos, que segue essa carreira, “não pode” ser heterossexual. A acusação de misoginia pode indicar uma certa colagem entre essa representação de “ser drag=ser gay” acoplada a outra “ser gay=não gostar de mulher”. A acusação pode estar fundamentada também no tipo de feminilidade que a drag constrói, explícita e escracha. Nesse caso, é interessante perceber que o espaço da boate gay vem se modificando com o passar dos anos, tornando-se, em alguns casos, um lugar pouco disposto às afetações das bichas de outros tempos. Nos espaços que sofreram essa modificação, e não são todos, não são apenas as mulheres que não são bem vindas, mas qualquer outro traço de feminilidade exacerbada. Assim, nem mulheres (homo, hetero ou bissexuais), nem drags, nem travestis, nem bichas são bem-vindas. A lógica desse tipo de restrição social passa provavelmente por uma acoplagem do sexo com o gênero e alguns símbolos com valor agregado de gênero.

deles não querem ser identificados socialmente com esse tipo de expressão/construção de gênero e corporalidade, sendo comum encontrar, no meio gay, a crítica ao *exagero desnecessário*, aos *abusos* cometidos por esses sujeitos que *perturbam a ordem das coisas e chocam*; crítica realizada não apenas por pessoas que estão, digamos, fora da margem. Dentro da margem organizam-se formas específicas de hierarquização e exclusão, que conferem a algumas pessoas um maior ou menor grau de marginalidade e vai desenhando lugares (sociais e espaciais) para esses sujeitos. Assim, se poderia argumentar sobre uma espécie de dupla exclusão pela qual passam os sujeitos *trans*: uma, oriunda de uma sociedade fundamentalmente heterossexista e outra, interna ao *mundo gay*.

O *mundo gay* possui seus estereótipos acerca dos sujeitos *trans*. As drags perturbam porque são indiscretas, porque são escrachadas, porque falam e fazem o que querem quando querem. As travestis são consideradas perigosas, prontas a fazer a qualquer momento um escândalo ou a *passar a navalha* num transeunte menos avisado. Às transexuais é reservado o lugar da dúvida e do silêncio. Ninguém entende muito bem como alguém pode querer mudar de sexo. Ainda, há a recusa por algumas pessoas de compartilhar dos mesmos nichos de amizade ou relacionamento afetivo-sexual desses sujeitos.

Fora desse contexto, é comum que drags, travestis e transexuais sejam colocadas dentro de um mesmo pacote, estejam associadas à imagem escandalosa da travesti, sejam acusadas (porque essa atribuição de atividade profissional é feita geralmente de modo acusatório) de estarem realizando *prostituição de pista*, de serem pessoas com algum desvio de caráter ou patológico (seja de ordem orgânica ou de ordem emocional).

O trânsito do sujeito *trans* contamina, causa medo e desestabiliza. Por isso costuma ser encarado com mais receio que simpatia. Como não realizam o mesmo tipo de construção identitária que supostamente o sujeito normativo executa, ou seja, como é ainda mais difícil colocá-lo dentro de boxes fechados ou dizer eles *são* de uma ou de outra forma, os sujeitos *trans* acabam por gerar confusões que instauram desconforto. Assim, é com a construção plural e não estática do corpo, da identidade e do gênero que essas pessoas brincam todo o tempo. Faz parte do estar *trans* permanecer em mudança. E nunca se sabe realmente

onde elas estão. Assim, concordo com Maluf quando argumenta que:

*Essa pessoa do travesti, da drag queen, do transexual [...] é um ser em transformação, um vir a ser — que reatualiza de forma continuada esse devir. Um ser que se faz sendo. Essa inscrição de um desejo em um corpo deve ser sempre reatualizada, reafirmada. Sujeito soberano em seu desejo: é ele que faz e refaz o ser, nem deus, nem a natureza, nem, de uma certa forma, a Cultura — com ‘c’ maiúsculo.*⁵³

É o desejo que me parece permear cada segundo da trajetória de um sujeito transgênero. É o que parece permear o momento do se “montar”, as coisas que fazem ou falam, os territórios que (re)criam o tempo todo, as brincadeiras, as conversas, o suave movimento dos corpos e a construção mesma deles. Essas dimensões da experiência *trans* não costumam ser observadas, pela dificuldade de apreendê-la com apenas um olhar rápido. O desejo de mudar impulsiona a mudança e, enquanto o corpo *trans* se materializa, vai também produzindo experiências sociais diferentes para cada grupo específico. Por essa razão, a diferença expressada visualmente, assim como através dos discursos acerca de suas experiências, precisa ser observada. Esses grupos vêm lutando pelo reconhecimento de suas especificidades e não pelo reconhecimento do que têm em comum. Não estou querendo com isso afirmar que não é possível estudar grupos *trans* de forma comparativa ou através dos traços que possuem em comum, mas que os diversos discursos desses sujeitos com que venho tendo contato apontam para diferenças fundamentais entre cada um desses grupos que sublinham necessidades específicas, e denotam que trabalhar com essas experiências reforça a necessidade de se ter cuidados específicos e diferenciados em relação a cada uma dessas categorias.

⁵³ MALUF, 1999. In: LAGO, M.; SILVA, A. L. da; RAMOS, T. *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 274 (Grifo da autora)

CONFUSIONS AND STEREOTYPES: HIDING DIFFERENCES IN EMPHASIZING SIMILARITIES AMONG THE TRANSGENDERED

ABSTRACT

This paper discusses the differences among some manifestations of transgender phenomena on Brazil, regarding specifically transvestites, transsexuals and drag queens. It is important to underline that even there are some things that are common among the various possible transgender experiences, the discourse of different transgender subjects about themselves usually emphasizes that there are hierarchical and differential ways to define them on gay/lesbian or non-gay spaces of sociability, which show us the necessity to discuss not just the aspects they have in common but the differences among them. In this very sense, this paper wants to argue how the self-definitions used by these subjects are not always equal to the external definitions attributed to them, though I do not aim here to create any kind of taxonomy for classifying them. The debate presented here is based on my ethnographical research concerning drag queens performances and corporalities on gay territories on a South Brazilian city and will be interpenetrated by the discussion of the concept of transgender itself.

KEYWORDS

Anthropology; Corporality; Transgender; Stereotypes, Construction



Parada Gay, Rio de Janeiro, 1998.